

POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FEMINISTA

For a feminist School Physical Education

Daniel Teixeira Maldonado

Instituto Federal de São Paulo¹

Resumo: O objetivo estudo foi compreender como os professores e as professoras de Educação Física organizam a sua prática político-pedagógica problematizando as relações de gênero nas suas aulas. Foram analisados 44 relatos publicados entre os anos 2009 e 2019, em 8 periódicos científicos indexados no *qualis* da Educação Física e da Educação, além de 14 livros que apresentam capítulos relacionados com o cotidiano do componente curricular. A interpretação dos dados foi realizada por meio da análise cultural. Constatamos que muitos docentes de Educação Física desenvolveram projetos educativos problematizando as relações de gênero que atravessam diversificadas práticas corporais. Os estudantes da Educação Básica acessaram esses conhecimentos e ampliaram a sua leitura de mundo sobre essa temática, questionando os estereótipos, preconceitos e discriminações existentes na sociedade contra as mulheres e as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero durante as vivências de danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Relações de Gênero; Práticas Corporais; Feminismo.

Abstract: The aim of the study was to understand how Physical Education teachers organize their pedagogical practice, problematizing gender relations in their classes. 44 reports published between the years 2009 and 2019 were analysed, in 8 scientific journals indexed in the Physical Education and Education qualifications, in addition to 14 books that present chapters related to the daily routine of the curricular component. Data interpretation was performed through cultural analysis. Many Physical Education teachers have developed educational projects that problematize gender relations that cross diverse body practices. Basic Education students accessed this knowledge and broadened their reading of the world on this theme, questioning the stereotypes, prejudices and discrimination existing in society against women and people who have different gender identities during the experiences of dances, struggles, gymnastics, sports and games.

Key words: School Physical Education; Gender Relations; Body Practices; Feminism.

INTRODUÇÃO

Currículos, atividades de ensino, normas escolares, materiais didáticos, propostas curriculares, instrumentos de avaliação, linguagens e teorias educacionais podem gerar a construção das desigualdades de gênero, de sexualidade, de etnia e de classe dentro dos ambientes educacionais. Assim, o currículo possibilita que

¹ danielmaldonado@yahoo.com.br ; Professor de Educação Básica, Técnica e Tecnológica (EBTT) – Educação Física.



alguns sujeitos apareçam e enquanto outros sejam ignorados, provocando preconceitos contra negros e negras, povos indígenas, mulheres, homossexuais, dentre outros grupos marginalizados em nossa sociedade (LOURO, 2001).

A escola, como instituição formadora, socializa alunos e alunas sobre questões relacionadas ao conhecimento científico, artes, literatura, bem como na forma como eles e elas se relacionam com o mundo, transmitindo valores e reforçando ou subvertendo comportamentos, influenciando, inclusive, na esfera dos desejos. Embora não existam mais escolas públicas para meninas e meninos, ainda temos diferenciação na forma como a educação de ambos é conduzida. Essa educação diferenciada afeta o modo como cada um enxerga a si mesmo, ao outro e as diferenças, chegando a interferir nas escolhas profissionais de mulheres e homens. Os ensinamentos aprendidos na escola sobre as relações de gênero, quando não discutidos de maneira crítica e atualizada, podem interferir negativamente na nossa construção sociocultural e identitária (GOMES, 2019).

A Educação Física, como um componente curricular da Educação Básica, não escapa dessas amarras normatizantes, principalmente por conta da sua relação intrínseca com as Ciências Naturais. Na visão de Goellner (2003), o Estado brasileiro, no início do século XX, identifica na Educação Física e no esporte espaços de intervenção para a educação das pessoas, propondo a valorização do corpo esteticamente belo e o aperfeiçoamento físico de corpos saudáveis e aptos, capazes de enfrentar os desafios da vida moderna.

Até o final da década de 1970 e início da década de 1980, a produção acadêmica da Educação Física propagava a separação de meninos e meninas, como também a distribuição destes em função dos esportes e das brincadeiras. Inclusive, no final da década de 1980, são observados, a partir dos estudos biofisiológicos, alguns trabalhos nos quais se estabelecem diferenças e semelhanças nas capacidades físicas e nos movimentos do homem e da mulher (LUIZ JÚNIOR, 2000).

Os estudos de gênero na Educação Física ganham força na década de 1980, organizando-se em três correntes centrais: marxista, culturalista e pós-estruturalista. As temáticas estudadas pelas pesquisadoras e pelos pesquisadores da área são: história das mulheres no desporto; representações sociais sobre gênero na mídia

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

esportiva; mulheres em posições de comando no desporto; identidades de gênero no desporto; estereótipos nas práticas corporais; mecanismos de inclusão e exclusão na Educação Física; e metodologias de ensino na Educação Física Escolar (DEVIDE et al., 2011).

Especificamente sobre os estudos de gênero relacionados com as aulas de Educação Física no cotidiano escolar, observa-se que durante muito tempo, por conta da sua relação história com as Ciências Naturais, as aulas do componente curricular foram organizadas fundamentadas nas amarras dos discursos biologicistas. Dessa forma, Ramos e Devide (2013) mencionam que a prática pedagógica da Educação Física ainda possui um contexto complexo de atitudes voltadas para o domínio do corpo, reiterando discursos, fortalecendo relações de poder e reforçando desigualdades, seja por meio do conceito velado ou pelo silenciamento, principalmente quando se discute as relações de gênero que atravessam as práticas corporais.

Essa realidade impede que as diversas manifestações de masculinidade e feminilidade existentes sejam exploradas, determinando as experiências a práticas generificadas e estabelecidas como “adequadas” aos meninos ou às meninas, limitando o conteúdo da Educação Física aos esportes. Este tipo de conduta fortalece a formação de sujeitos adequados à uma sociedade competitiva e preconceituosa (LIMA; DINIS, 2007).

Nicolino e Paraíso (2018) confirmaram essa realidade em recente pesquisa. As autoras investigaram os saberes produzidos sobre a escolarização da sexualidade em teses e dissertações desenvolvidas na área da Educação Física até o ano de 2014. Após a análise desses estudos, elas concluíram que o argumento desenvolvido é o de que a Educação Física entra no contexto escolar pela lógica biológica, valendo-se da ideia de corpo “saudável” para justificar uma educação heteronormativa, enfatizando que o “não-dito” é uma estratégia eficiente para ensinar sobre a sexualidade, constituindo-se, também, em uma prática político-pedagógica.

Ainda nessa lógica, Garcia e Brito (2018) problematizaram como se constituíam as relações de gênero nas aulas de Educação Física de uma escola municipal do Rio de Janeiro, com destaque para relatos da participação de um menino estudante que não se enquadrava nas normas binárias de gênero. Após as análises, os autores



encontraram manifestações desviantes dos padrões clássicos esperados para meninos e sua(s) masculinidade(s) nas aulas do componente curricular, sustentando estranhamentos, não pertencimento e não aceitação da performance fora da norma, fatos desconsiderados e não problematizados pelo docente responsável pelo componente curricular.

Outros estudos conduzidos por Jesus e Devidé (2006), Cruz e Palmeira (2009), Dornelles (2011), Altmann, Mariano e Uchoga (2012), Corsino e Auad (2014) e Dornelles e Dal'Igna (2015) mostraram que os professores e as professoras de Educação Física produziram metodologias de ensino sexistas em suas aulas, reproduzindo a desigualdade de gênero existente na sociedade.

A partir das reflexões realizadas, consideramos que gênero é um marcador social de extrema relevância na sociedade contemporânea e para a área de Educação Física (ALTMANN, 2015), por conta do processo histórico dessa área de conhecimento que excluiu, invisibilizou e hierarquizou as relações de gênero das danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras. Destarte, nos perguntamos se outras formas de organizar a prática pedagógica nas aulas de Educação Física seriam possíveis, principalmente quando essas temáticas são problematizadas pelos docentes do componente curricular?

Assim, o objetivo desse estudo foi compreender como os professores e as professoras de Educação Física organizam a sua prática político-pedagógica problematizando as relações de gênero na Educação Básica, a partir das experiências educativas publicadas na literatura da área.

MÉTODO

A metodologia desta pesquisa foi organizada em diálogo com Meyer e Paraíso (2014), de acordo com a subjetividade do pesquisador em fazer perguntas, interrogar, construir problemas de pesquisa e organizar um conjunto de procedimentos para a produção de informações, de acordo com uma estratégia de descrição e análise.

Nesse sentido, analisamos 44 relatos de experiências onde os/as docentes de Educação Física desenvolveram projetos relacionados com as relações de gênero das práticas corporais, publicados entre os anos 2009 e 2019, em oito periódicos

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

científicos indexados no *qualis* da Educação Física e da Educação, que possuem no seu escopo a intencionalidade de publicar sobre a estruturação do trabalho pedagógico docente, além de 14 livros que apresentam capítulos relacionados com o cotidiano do componente curricular², que podem ser observados nos quadros 1 e 2.

Quadro 1 – Livros utilizados na realização da pesquisa.

Livros	Quantidade
Educação Física cultural: o currículo em ação. 2017.	6 capítulos
Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática. 2012.	4 capítulos
Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática – volume 2. 2014.	4 capítulos
Praticando estudos culturais na Educação Física. 2009.	2 capítulos
Educação Física cultural: escritos sobre a prática. 2016.	2 capítulos
Educação Física no Ensino Fundamental II: saberes e experiências educativas de professores(as) pesquisadores(as). 2017.	2 capítulos
Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência. 2018.	1 capítulo
Educação Física Escolar no Ensino Médio: a prática pedagógica em evidência 2. 2018.	1 capítulo
Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças. 2017.	1 capítulo
Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças 2. 2017.	1 capítulo
Manifestações culturais radicais nas aulas de Educação Física Escolar. 2016.	1 capítulo
Educação Física cultural: relatos de experiência. 2018.	1 capítulo
Democratizando o ensino da ginástica: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais. 2013.	1 capítulo
Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos. 2011.	1 capítulo
14 livros	28 capítulos

Fonte: elaborado pelos autores.

Quadro 2 – Periódicos científicos utilizados na elaboração da pesquisa.

Periódicos Científicos	Quantidade
Revista Brasileira de Educação Física Escolar	6 artigos
Motrivivência	3 artigos
Cadernos de Formação RBCE	2 artigos
Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde	1 artigo
Temas em Educação Física Escolar	1 artigo
Kinesis	1 artigo
Coleção Pesquisa em Educação Física	1 artigo
Revista de Educação Popular	1 artigo
8 periódicos	16 artigos

Fonte: elaborado pelos autores.

Na busca realizada nos periódicos científicos, foram acessados todos os números publicados na última década e selecionados os artigos que relatavam

² Esse artigo faz parte de uma pesquisa maior que analisou os temas culturais de 245 projetos educativos desenvolvidos nas aulas de Educação Física Escolar. A consulta mais ampla foi realizada em 12 periódicos científicos e 25 livros.



experiências pedagógicas que problematizavam as relações de gênero na Educação Física, no qual foram lidos e analisados. O procedimento adotado para os livros foi bem semelhante, já que todos os capítulos dessas obras eram observados e apenas os relatos de prática foram separados para a análise.

A interpretação dos dados foi realizada por meio da análise cultural (WORTMANN, 2007). Os pesquisadores e pesquisadoras que utilizam esse tipo de análise estão interessados/as em lidar com as práticas e os produtos da cultura, produzindo novas histórias assumidamente parciais, incompletas e sem nenhum tipo de neutralidade.

Assim como Nunes (2018), que utilizou a análise cultural para investigar o trato com as diferenças no currículo cultural da Educação Física, a presente análise foi produzida com a maior profundidade possível, identificando temas culturais³ que inspiraram as experiências político-pedagógicas organizadas pelos/pelas docentes do componente curricular.

No diálogo com Wortmann (2007), foi conduzido um processo investigativo amplo, onde se assumiu o compromisso de examinar as práticas culturais a partir do seu envolvimento com e no interior das relações de poder, teorizando e capturando as múltiplas determinações e inter-relações das forças históricas e das formas culturais, garimpando os significados das experiências produzidas pelos professores e professoras de Educação Física que lecionam na Educação Básica.

Ao detalhar como educadores e educadoras de Educação Física operam com as relações de gênero que atravessam as práticas corporais, descrevemos minuciosamente suas experiências, estabelecendo relações entre os textos em suas múltiplas ramificações, processos de produção, formas de funcionamento e suas potencialidades (PARAÍSO, 2014).

PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PRÁTICAS CORPORAIS DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

³ Temas identificados nos relatos de experiências produzidos pelos professores e professoras de Educação Física Escolar.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

Os projetos educativos que problematizam as relações de gênero nas aulas de Educação Física podem ter como eixo norteador a desconstrução de um estereótipo da existência de práticas corporais para homens e mulheres. Dessa forma, os/as docentes do componente curricular devem valorizar a participação feminina nas manifestações da cultura corporal, reconhecendo que as estudantes possuem a liberdade e o direito de realizar os esportes, as danças, as lutas, os jogos, as brincadeiras e as ginásticas que desejarem, sem sofrer nenhum tipo de preconceito. Além disso, estudar esse tema fazendo relação com os demais marcadores sociais, pode possibilitar que as professoras e os professores de Educação Física estimulem pensamentos e reflexões com os estudantes para que eles possam compreender as relações de gênero nas práticas corporais (SOUSA; MALDONADO, 2020).

Nesse contexto, a professora Marie⁴ desenvolveu uma experiência educativa no Instituto Federal de Minas Gerais – *campus* Ouro Branco onde problematizou, após um diagnóstico inicial realizado com os/as estudantes sobre as atividades que eles/elas vivenciaram nas aulas de Educação Física no Ensino Fundamental, temas relacionados às relações de gênero com as práticas corporais (TAVARES; TAVARES, 2017). Desde o 1º ano do Ensino Médio, os/as estudantes dessa instituição já refletem sobre as intersecções entre as relações de gênero e as manifestações da cultura corporal. Todas as aulas são mistas e os conteúdos abordados possibilitam reflexões sobre a participação nas aulas de Educação Física: a reconstrução das atividades vivenciadas, a relação entre gênero e o universo esportivo, o espaço das mulheres no esporte, a diferença nos investimentos e patrocínios dos esportes masculinos e femininos, a influência da mídia esportiva na reprodução de masculinidades e feminilidades e o papel da escola na desconstrução das relações de gênero e sexualidade. Durante o 2º e 3º anos desse ciclo de escolarização essa temática continua sendo desenvolvida com análises sobre estereótipos, preconceitos, discriminações, racismo, xenofobia, padrões de beleza, a relação do corpo na escola, barreiras para vivenciar situações de lazer, esporte e atividade física, ginástica, mídia e culto ao corpo (TAVARES; TAVARES, 2017).

Em outro relato de experiência, também com turmas de Ensino Médio, a professora Marie descreve um projeto educativo em que a dança foi tematizada e

⁴ Os nomes de todos os/as docentes citados no artigo foram retirados do próprio material empírico analisado.



discussões de gênero foram suscitadas. Essa experiência contou com vivências de atividades rítmicas, danças regionais e contemporâneas, análises de documentários sobre o tema, produções coreográficas e apresentação de seminários. Nessas apresentações, um dos grupos estudou as músicas e danças ouvidas/dançadas pelos/as estudantes no *campus*, oportunizando problematizações sobre as relações de gênero nas letras e nos gestos realizados pelas dançarinas durante as coreografias. Ao término da experiência educativa, a professora concluiu que as reflexões e debates realizados foram importantes para a construção de um novo olhar sobre as relações de gênero nas danças, pois oportunizou que os/as discentes questionassem normatizações com a espetacularização dos corpos femininos e a discriminação contra as mulheres que vivenciam essas práticas corporais (TAVARES, 2018).

Ainda com a tematização das danças, o professor Luiz Alberto relatou como organizou a sua prática pedagógica em que tinha como objetivo desconstruir questões de identidade de gênero na dança pop, em uma escola municipal de Ensino Fundamental localizada em São Paulo. Ao decidir sobre a condução das atividades de ensino, Luiz possibilitou que os/as discentes vivenciassem os gestos dessa prática corporal de forma livre. Durante essas experiências, muitas falas preconceituosas eram proferidas, principalmente quando os meninos ensaiavam realizar alguns passos das danças. Com o passar do tempo, o docente apresentou o seu entendimento sobre a dança pop, mostrou aos/às discentes documentários em que pessoas assumiam a homossexualidade e a discriminação homofóbica que elas sentiam constantemente, convidou um dançarino para conversar com as turmas, ajudou os/as discentes a criar coreografias desse ritmo musical, lançando mão de vídeos de um professor de dança que os/as estudantes conheciam para ajuda-los, e organizou apresentações dessa prática corporal para a comunidade escolar. Ao final do itinerário formativo, foi percebido pelo docente que as crianças refletiram sobre a discriminação sofrida pelas pessoas homossexuais e que esse preconceito se reflete na dança pop (SANTOS, 2018).

Muitas pesquisas publicizaram relatos problematizando as relações de gênero a partir da tematização das danças. O ritmo sertanejo foi palco das reflexões nas

experiências de Oliveira (2017) e Quaresma (2017); o forró no relato de Santos e Nunes (2014); projetos educativos sobre o funk foram descritos por Bocchini e Maldonado (2014) e Sousa, Maldonado e Neira (2018); o carimbó por Bonetto (2019a); e as danças regionais por Maldonado e Bocchini (2014).

Goellner (2010) aponta que em muitos projetos educacionais a busca pela diversidade tornou-se extremamente relevante. Nesse contexto, as experiências educativas apresentadas se pautam em perspectivas inclusivas orientadas pelo reconhecimento de que os sujeitos são diferentes porque pertencem a classes sociais distintas e são produzidos também a partir de outros marcadores identitários, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, entre outros.

Portanto, o corpo é educado conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. Educa-se o corpo na escola, na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos cotidianamente, com recomendações sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida e os gestos das diferentes danças produzidas pela humanidade (GOELLNER, 2010).

Embora as danças sejam consideradas uma manifestação da cultura corporal de extrema relevância para refletir sobre as relações de gênero pelos/pelas docentes de Educação Física, os esportes também podem ser tematizados com essa intencionalidade pedagógica.

Assim, a professora Ana descreveu um projeto educativo que ocorreu em uma escola de Ensino Fundamental da periferia do Rio Grande do Norte, com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental, onde a docente tematizou o *ultimate frisbee*. Ao propor vivências dessa modalidade esportiva, a docente percebeu a possibilidade de organizar debates sobre a participação de homens e mulheres no esporte, já que muitas pessoas podem vivenciar essa prática corporal nos momentos de lazer, independente do gênero e do nível de habilidade motora. Após reflexões e conversas sobre determinismo biológico, gênero, diversidade cultural e direitos, os/as estudantes construíram, em conjunto com a professora, modificações nas regras da modalidade para que todos e todas pudessem participar das vivências, possibilitando um equilíbrio maior entre os times mistos, experimentações mais prazerosas entre as



crianças e reflexões sobre as especificidades masculinas e femininas na realização das práticas corporais (SILVEIRA; DIAS, 2019).

Ainda na busca por uma maior participação das meninas nas aulas de Educação Física, o professor Luciano desenvolveu uma experiência educativa com estudantes das séries finais do Ensino Fundamental, em uma escola municipal em São Paulo, tematizando o badminton. Durante o bimestre letivo que essa modalidade esportiva foi desenvolvida, Luciano problematizou as questões de gênero das aulas, tentando romper com as invisibilidades e as violências que as estudantes sofrem no ambiente escolar. Debates e reflexões aconteceram durante todo o processo, abordando questões relacionadas com as características da modalidade, já que times compostos por homens e mulheres fazem parte das regras oficiais do esporte. Ao assistir um vídeo de um jogo composto por times mistos, os alunos e as alunas se impressionaram com a habilidade que as mulheres tinham para participar desse esporte. Para finalizar a experiência, os/as discentes vivenciaram o badminton de diferentes formas e apresentaram seminários sobre a história, as regras, equipamentos, lugares onde essa modalidade esportiva poderia ser praticada e as relações de gênero que atravessam essa prática corporal (CORSINO, 2017).

O futebol também foi uma prática corporal tematizada nas aulas de Educação Física em que as relações de gênero foram problematizadas com os alunos e as alunas das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola estadual localizada em São Paulo. A partir de um mapeamento realizado no entorno escolar, no qual muitos moradores praticam a modalidade, os/as discentes foram questionados sobre a participação das meninas no futebol. Pesquisas realizadas na internet com as crianças mostraram como essa prática corporal é sistematizada em diferentes partes do mundo, sendo em alguns países um esporte valorizado mais pelas mulheres do que pelos homens. Depois dessas reflexões, o professor Arthur organizou uma vivência, em conjunto com os/as estudantes, em que todos participaram de um jogo de futebol. Após essa vivência, rodas de conversa foram organizadas e muitos/as discentes reproduziram um discurso preconceituoso que as meninas não poderiam jogar futebol por conta das suas características biológicas. A partir do objetivo de desconstruir/reconstruir as representações que as crianças tinham sobre a prática do

futebol, o professor assistiu e refletiu com os/as estudantes sobre um filme de uma menina que queria jogar futebol na escola e se “vestia” de menino para participar da equipe masculina, já que as equipes femininas foram excluídas dos treinamentos, organizou atividades de ensino mostrando a discriminação que as mulheres sofreram em várias profissões na sociedade e realizou uma visita ao museu do futebol, analisando as modificações que o futebol feminino sofreu ao longo da história (AGUIAR et al., 2016).

Os professores Iuri e Pedro e as educadoras Rose, Dayane, Nyna e Simone também tematizaram o futebol com a intenção de consolidar experiências pedagógicas coeducativas e problematizar os preconceitos contra as mulheres e pessoas com diferentes orientações sexuais que vivenciam essa modalidade esportiva (ALVES; MACEDO, 2012; BONETTO, 2019b; COLOMERO; GRAMORELLI, 2012; ESCUDERO; MAZONNI, 2014; MOURA, 2017; PORTAPLIA; ESCUDERO, 2014). Já a docente Marília organizou situações de ensino que possibilitaram desconstruir as relações de gênero existentes no futebol e no voleibol (SOUZA; LIPPI, 2012), assim como o educador Daniel desenvolveu um projeto com as mesmas características (BOCCHINI; MALDONADO, 2015).

Estamos de acordo com Prado, Altamnn e Ribeiro (2016), quando mencionam que meninos e meninas, durante toda a sua vida, são condicionados a perceber e a representar algumas práticas corporais como adequadas a homens ou mulheres. Portanto, nos projetos educativos apresentados que tematizaram os esportes, as professoras e os professores de Educação Física refletiram com os alunos e as alunas sobre como determinadas manifestações culturais são normatizadas, inviabilizando a vivência dos gestos das modalidades esportivas por todos e todas. Com isso, os grupos envolvidos nessas problematizações passaram a desconstruir a representação de que determinadas manifestações da cultura corporal são mais apropriadas para homens e outras, para mulheres.

Para pensar sobre as relações de gênero com os/as discentes do Ensino Fundamental de uma escola municipal de São Paulo, o professor Jorge tematizou a ginástica rítmica em suas aulas. Ele iniciou seu projeto ao ser questionado por alguns estudantes do motivo de desenvolver apenas práticas corporais consideradas masculinas durante as suas aulas. Depois de tomar a decisão de tematizar a ginástica



rítmica, Jorge conversou com os alunos e alunas sobre as características dessa prática corporal, na tentativa de compreender sobre o imaginário social que os/as estudantes tinham dela. Em um primeiro momento, os meninos desvalorizaram essa modalidade gímnica, alegando que apenas mulheres poderiam participar dessas aulas. A partir desse diagnóstico, o docente utilizou textos e vídeos que versavam sobre a participação de homens e mulheres na ginástica rítmica, possibilitando a ampliação da leitura de mundo dos/das discentes sobre essa manifestação da cultura corporal. Além disso, os/as educandos/as realizaram pesquisas relacionadas com as diferenças salariais entre homens e mulheres em diferentes profissões, além de conversas sobre o preconceito que as pessoas do gênero feminino sofrem em diferentes situações cotidianas, inclusive nos esportes e outras práticas corporais. Após as análises, reflexões, debates e problematizações, as crianças e o professor organizaram um festival de ginástica rítmica, onde meninos e meninas apresentaram as coreografias montadas durante as aulas. Foi possível perceber que os/as estudantes passaram a compreender as relações de gênero nessa prática corporal de forma mais ampla, resignificando os conhecimentos que já tinham e repensando os discursos preconceituosos que rondam rotineiramente a sociedade, relacionados com esse tema (OLIVEIRA JÚNIOR, 2017).

As ginásticas e as relações de gênero também foram tematizadas pelo professor Daniel, durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio (MALDONADO; SOARES; SCHIAVON, 2019), nas séries iniciais (MALDONADO; BOCCHINI, 2013) e finais Ensino Fundamental (MALDONADO; BOCCHINI, 2015); pelo docente Uirá e pela educadora Valdilene, no mesmo ciclo de escolarização (MALDONADO et al., 2019); pelo educador Heitor em uma escola municipal do Espírito Santo (ALMEIDA; SILVA, 2013); e pelo professor Marcos em uma escola particular da cidade de São Paulo (NEVES, 2009).

Na perspectiva de tematizar as lutas nas aulas de Educação Física, o professor Fernando indagou os/as estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola estadual de São Paulo se lutar é coisa de menina. Após perceber que as crianças se interessaram pelo tema, o docente problematizou as relações de gênero contidas nas modalidades de lutas. Ele iniciou o projeto educativo compreendendo o

que os/as discentes conheçam sobre as lutas e quais modalidades eles e elas gostariam de vivenciar. Depois de alguns debates, foi decidido que o judô seria a primeira luta praticada. Essa experiência possibilitou que Fernando realizasse algumas reflexões sobre os papéis que os homens e as mulheres costumam exercer em algumas manifestações da cultura corporal, principalmente quando as pessoas colocam o gênero feminino em segundo plano. O docente organizou pesquisas na sala de informática, analisou vídeos com a turma em que homens e mulheres praticavam o judô e convidou uma aluna da escola, que praticava a modalidade, para fazer uma apresentação para os demais estudantes, ressignificando o discurso que apenas os homens poderiam participar das competições de judô. O educador concluiu seu relato afirmando que os/as discentes se apropriaram de diversos conhecimentos relacionados com as lutas, e, por consequência, romperam com preconceitos sobre as relações de gênero nas práticas corporais, além de ter aumentado significativamente a participação de todos e todas nas aulas (NAGHETTI, 2009).

Reflexões sobre questões de gênero e capoeira foram realizadas pelo professor Luiz, em uma escola municipal de São Paulo, com alunos e alunas das séries finais do Ensino Fundamental (SANCHES NETO, 2017), Assim como Clayton, em uma unidade escolar estadual de São Paulo, problematizou as relações de gênero na luta olímpica (BORGES, 2017) e no jiu-jitsu (BORGES; BONETTO, 2014); o professor Luiz Alberto refletiu sobre a participação das meninas no caratê (SANTOS, 2017); e a docente Natália e o educador Leandro analisaram com os alunos e as alunas se todos e todas poderiam participar de um projeto educativo envolvendo diferentes tipos de lutas (GONÇALVES; VAGHETTI, 2012; OLIVEIRA; QUEDAS, 2017).

Ao analisar as experiências educativas em que os professores e as professoras de Educação Física problematizaram as relações de gênero das ginásticas e lutas, podemos mencionar que esses docentes abordaram essas temáticas pautados na produção acadêmica das Ciências Humanas, pensando na relação dos alunos e das alunas com as manifestações da cultura corporal para além do discurso biológico.

A visão de Goellner (2013) reforça essa evidência, pois a autora defende que os estudos de gênero e feministas na Educação Física estão pautados em pesquisas da área de Educação e das Ciências Humanas, desconstruindo argumentos de que



as diferenças e as desigualdades entre homens e mulheres no âmbito das práticas corporais se justificam por questões anátomo-fisiológicas em detrimento de aspectos relacionados ao contexto histórico e cultural.

Outros projetos também demonstram a tematização e a problematização das relações de gênero nas práticas corporais durante as aulas de Educação Física Escolar. Com estudantes das séries iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de São Paulo, o professor Flavio trouxe discussões sobre brinquedos (SANTOS JÚNIOR, 2016; 2017). O jogo de queimada foi tematizado pela professora Aline com os/as discentes de uma escola municipal de São Paulo, buscando possibilitar outras representações nas crianças sobre a participação das meninas nessa prática corporal (NASCIMENTO, 2017) e pelo professor Uirá, que organizou jogos de queimada em conjunto com os/as estudantes estimulando a vivência das meninas nas aulas (FARIAS et al., 2016). O professor Marcos, por sua vez, apresenta uma experiência didática com a brincadeira de pipa que problematizou as relações de gênero (SALOMÃO; NEVES; ALVIANO JÚNIOR, 2016).

A participação de meninos e meninas em um projeto educativo com a tematização do skate foi publicado pelo educador Luiz Alberto (SANTOS, 2016). Os docentes Daniel, Vilson e Ademilto também utilizaram atividades de ensino que estimulavam a participação de todos e todas nas aulas com o desenvolvimento das modalidades esportivas coletivas (CANAN et al., 2017). Na Educação de Jovens e Adultos, Isabel e Osvaldo refletiram sobre as propostas que fizeram para que os/as estudantes com mais experiência rompessem seus preconceitos relacionados às questões de gênero e as práticas corporais (MARINHO; OLIVEIRA, 2011).

O professor Felipe, que é transgênero, também relatou como planejou e organizou suas práticas pedagógicas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio problematizando as relações de gênero imbricadas nas práticas corporais em uma escola estadual de São Paulo. Além disso, a experiência enfatizou as situações discriminatórias que o docente sofreu por uma parcela dos/das docentes da unidade escolar e familiares dos/das jovens por conta da sua identidade de gênero (JESUS; FREIRE, 2018).

Dessa forma, como nos alerta Prado e Ribeiro (2016), as aulas de Educação Física na escola organizadas em uma perspectiva biologicista e sexista excluem todos os sujeitos que não possuem o padrão da heteronormatividade, invisibilizando os praticantes das manifestações da cultura corporal que não possuem uma masculinidade próxima da considerada aceitável, assim como os/as docentes do componente curricular com essas mesmas características.

POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR FEMINISTA

As lutas feministas durante o processo histórico estimularam reivindicações por direitos sociais igualitários para as mulheres, os negros, os homossexuais e outros grupos sociais marginalizados, colocando em evidências novos desafios que precisam ser superados, como a violência contra as mulheres, a comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexos, Assexuais e outros grupos e variações de sexualidade e gênero (LGBTQIA+) e a prevalência de políticos fundamentalistas que tentam impor retrocessos (BLAY, 2017).

Na visão de Biroli (2018), as décadas de acúmulos sobre os estudos de gênero e a multiplicação de diversificados feminismos, alterou profundamente a sociedade contemporânea, já que hoje existe mais conhecimento e mais debate, dentro e fora da Universidade, sobre essa temática. Todavia, essas mudanças ocasionaram reações que possuem como objetivo restringir essas transformações, principalmente as conquistas das mulheres e do movimento LGBTQIA+. Portanto, na visão da autora, o machismo e a homofobia não foram superados e, por conta disso, os movimentos feministas, LGBTQIA+ e antirracistas precisam cada vez mais colocar a sua pauta ao debate público, ampliando as controvérsias onde antes predominavam silêncios e naturalização.

Esse debate também passou a fazer parte das disputas educacionais e dos estudos sobre currículo. Na visão de Louro (2001), em uma sociedade hegemonicamente masculina, branca, heterossexual e cristã, tem sido nomeados como diferentes todos aqueles que não possuem essas características. Portanto, a produção de identidades acontece em muitas instâncias e espaços, sendo a escola uma dessas instituições.



No cenário brasileiro, todos e todas assistiram nos últimos anos um discurso reacionário, que nomeou a luta por uma sociedade mais justa e que valoriza as diferentes identidades de gênero como “ideologia de gênero”. Essas pessoas mencionam que os professores e as professoras que se engajam para reconhecer e valorizar as diferenças entre os seres humanos, principalmente relacionadas ao corpo e as sexualidades, querem aniquilar as “diferenças naturais” entre homens e mulheres, se tornando inimigos das famílias e confundindo os estudantes sobre o seu desenvolvimento natural (JUNQUEIRA, 2019). Retornando os momentos mais obscuros da história republicana brasileira, grupos conservadores fazem patrulha contra a “doutrinação” praticada por professores nomeada por eles como “ideologia de gênero”, prometendo uma educação “desideologizada”, principalmente com o fortalecimento do programa “Escola sem Partido”, que preza por uma pedagogia “neutra”, com a intenção de manter os privilégios e as diferenças sociais relacionadas com as relações de gênero (QUINALHA, 2019).

Assim, contrariando esse discurso retrógrado e conservador, mostramos que os/as docentes que problematizaram as relações de gênero existentes nas práticas corporais nas aulas de Educação Física, identificaram, compreenderam e criticaram a naturalização das relações de gênero, as hierarquizações sexuais, a heterossexualização compulsória e a inculcação das normas de gênero, combatendo o machismo, o sexismo, a misoginia, o heterossexismo, a transfobia e toda e qualquer forma de discriminação, muitas vezes estimulada por um discurso moralista e religioso, que se torna cada vez mais presente na sociedade contemporânea (JUNQUEIRA, 2019).

Nessa perspectiva, começa a surgir uma Educação Física Escolar feminista que, para se tornar efetiva, precisa explorar as relações de poder, de raça, gênero e classe social que as mulheres, os grupos LGBTQIA+ e os homens vivem na estrutura patriarcal da sociedade contemporânea (HOOKS, 2019), abrindo caminho para a ampliação da leitura de mundo dos/das estudantes sobre essas temáticas, que especificamente nas aulas deste componente curricular, precisam fazer relação com os saberes históricos, econômicos, sociais, políticos, biológicos e fisiológicos das práticas corporais e da relação das pessoas com o seu corpo.

Em diálogo com Moraes e Silva, Medeiros e Quitzau (2020), defendemos que a Educação Física Escolar em uma perspectiva feminista deve ser organizada pela problematização dos discursos que promovam igualdade e o respeito às diferenças e o questionamento da masculinidade hegemônica ainda muito presente nas práticas corporais, para que, dessa forma, as aulas do componente curricular possam combater o conservadorismo que assaltou o Brasil nos últimos anos.

Após essas análises, percebemos que muitos docentes de Educação Física têm desenvolvido projetos educativos que problematizam as relações de gênero a partir de diversas práticas corporais. Ao acessarem esses conhecimentos e ampliarem a sua leitura de mundo, os estudantes da Educação Básica puderam questionar estereótipos, preconceitos e discriminações contra as mulheres e as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero. Portanto, as experiências político-pedagógicas publicadas pelos/pelas docentes do componente na literatura especializada perseguem o caminho de uma Educação Física Escolar feminista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, A. A. D. et al. Relações de gênero na prática do futebol. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. Ferrari. **Educação Física cultural**: escritos sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016. p. 165-180.

ALMEIDA, U. R.; SILVA, F. M. A produção de um material curricular de ginástica geral e seus efeitos na prática pedagógica de um professor de Educação Física Escolar. In: TOLEDO, E.; SILVA, P. C. C. **Democratizando o ensino da ginástica**: estudos e exemplos de sua implementação em diferentes contextos sociais. Várzea Paulista, SP: Fontoura, 2013. p. 141-170.

ALTMANN, H. **Educação Física Escolar**: relações de gênero em jogo. São Paulo: Cortez, 2015.

ALTMANN, H.; MARIANO M.; UCHOGA, L. A. R. Corpo e movimento: produzindo diferenças de gênero na Educação Infantil. **Pensar a Prática**. Goiânia, v. 15, n. 2, p. 285-301, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/12375>. Acesso em: 11/01/2021.

ALVES, S.; MACEDO, E. E. Educação Física no materna II: sem essa de galinhão. In: NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 147-172.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.



BLAY, E. A. Como as mulheres se construíram como agentes políticas e democráticas. In: BLAY, E. A.; AVELAR, L. **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017. p. 65-98.

BOCCHINI, D.; MALDONADO, D. T. Estudos culturais em ação: tematizando o funk na escola pública. **Cadernos de Formação RBCE**. v. 5, n. 1, p. 33-44, 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/1989>. Acesso em: 11/01/2021.

_____. Futebol e voleibol na Educação Física Escolar: quem pode jogar? **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano 1, v. 2, p. 88-98, 2015.

BONETTO, P. X. R. Carimbó: uma experiência curricular para além da reprodução coreográfica. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano V, v. 2, p. 64-73, 2019a.

_____. Futebol e Copa do Mundo: uma experiência pedagógica baseada na Educação Física Cultural. **Revista de Educação Popular**. Uberlândia, v. 18, n. 3, p. 109-126, 2019b. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/47383>. Acesso em: 11/01/2021.

BORGES, C. C. O. Sprawl, arm drag, double leg, touché... Tematizando a luta olímpica em um currículo culturalmente orientado. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 30-41.

BORGES, C. C. O.; BONETTO, P. X. R. Jiu-jitsu na escola: primeiros ensaios em uma perspectiva cultural. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. LIMA, M. E. **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática – volume 2**. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 165-182.

CANAN, F. et al. Repensando o ensino de jogos esportivos coletivos na escola. **Cadernos de Formação RBCE**. v. 8, n. 1, p. 44-54, 2017. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2226>. Acesso em: 11/01/2021.

COLOMBERO, R. M. M. P.; GRAMORELLI, L. C. Futebol e representações sociais na escola. In: NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática**. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 31-48.

CORSINO, L. N. O badminton como possibilidade para (Co)Educação Física Escolar: caminhos e perspectivas. In: VENÂNCIO, L. et al. **Educação Física no Ensino Fundamental II: saberes e experiências educativas de professores(as) pesquisadores(as)**. Curitiba: CRV, 2017. p. 191-206.

CORSINO, L. N.; AUAD, D. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, v. 24, n. 45, p. 57-75, 2014. Disponível em:

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/7671>.
Acesso em: 11/01/2021.

CRUZ, M. M. S.; PALMEIRA, F. C. C. Construção da identidade de gênero na Educação Física Escolar. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 116-131, 2009.

DEVIDE, F. P. et al. Estudos de gênero na Educação Física brasileira. **Motriz**. Rio Claro, v. 17, n. 1, p. 93-103, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/vdH5QcysDZcqrTk4hNZsqYJ/?lang=pt>. Acesso em: 11/01/2021.

DORNELLES, P. G. Marcas de gênero na Educação Física Escolar. A separação de meninos e meninas em foco. **Motrivivência**. Ano XXIII, n. 37, p. 12-29, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2011v23n37p12>. Acesso em: 11/01/2021.

DORNELLES, P. G.; DAL'LGNA, M. C. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 41, n. especial, 1585-1599, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/LS9qxc4wwJNWDYg83zPLdBN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11/01/2021.

ESCUADERO, N. T. G.; MAZONNI, A. V. Das lutas ao futebol: o que está em jogo? In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. LIMA, M. E. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática – volume 2. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 79-105.

FARIAS, U. S. et al. Entre a tradição e o contemporâneo: o jogo de queimada e as diferentes possibilidades de utilização pedagógica na Educação Física Escolar. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano 2, v. 2, p. 65-76, 2016.

GARCIA, R. M.; BRITO, L. T. Performatizações queer na Educação Física Escolar. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1321-1334, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/82502>. Acesso em: 11/01/2021.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. A educação dos corpos, dos gêneros, e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**. v. 1, n. 2, p. 71-83, 2010. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/984>. Acesso em: 11/01/2021.

_____. A contribuição dos estudos de gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana; SCWENGBER, Maria Simone Vione. **Educação Física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 23-44.

GOMES, N. L. Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo sem Fronteiras**. v. 19, n. 2, p. 609-627, 2019. Disponível em:



<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol19iss2articles/gomes.pdf>. Acesso em: 11/01/2021.

GONÇALVES, N.; VAGHETTI, F. C. Tematizando lutas nas aulas de Educação Física. In: NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 65-81.

HOOKS, B. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, F. S.; FREIRE, E. S. Experiências e reflexões de um professor transgênero diante da docência na Educação Física no Ensino Médio. In: NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T.; FARIAS, U. S. **Educação Física Escolar no Ensino Médio**: a prática pedagógica em evidência 2. Curitiba: CRV, 2018. p. 195-212.

JESUS, M. L.; DEVIDE, F. P. Educação Física Escolar, co-educação e gênero: mapeando representações discentes. **Movimento**. Porto Alegre, v. 12, n. 3, p. 123-140, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2912>. Acesso em: 11/01/2021.

JUNQUEIRA, R. D. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, F. **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 135-140.

LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de Educação Física. **Currículo sem Fronteiras**. v. 7, n. 1, p. 243-252, 2007. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/limadinis.pdf>. Acesso em: 11/01/2021.

LOURO, G. L. O currículo e as diferenças sexuais de gênero. In: COSTA, M. V. **O currículo nos limiares do contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 85-92.

LUIZ JÚNIOR, A. A. Gênero e Educação Física: algumas reflexões acerca do que diz as pesquisas das décadas de 80 e 90. **Motrivivência**. Ano XI, n. 15, p. 1-7, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5592>. Acesso em: 11/01/2021.

MALDONADO, D. T.; BOCCHINI, D. Prática pedagógica diferenciada nas aulas de Educação Física: a ginástica na escola pública. **Coleção Pesquisa em Educação Física**. v. 12, n. 1, p. 165-172, 2013.

_____. Educação Física Escolar e as três dimensões do conteúdo: tematizando as danças na escola pública. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP. Campinas, v. 12, n. 1, p. 181-200, 2014. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/2174>. Acesso em: 11/01/2021.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

_____. Ensino da ginástica na escola pública: as três dimensões do conteúdo e o desenvolvimento do pensamento crítico. **Motrivência**. Florianópolis/SC, v. 27, n. 44, p. 164-176, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/2175-8042.2015v27n44p164>. Acesso em: 11/01/2021.

MALDONADO, D. T.; SOARES, D. B.; SCHIAVON, L. M. Educação Física no ensino médio: reflexões e desafios sobre a tematização da ginástica. **Motrivência**. Florianópolis, v. 31, n. 60, p. 1-19, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivencia/article/view/2175-8042.2019e56559>. Acesso em: 11/01/2021.

MALDONADO, D. T. et al. A tematização das ginásticas nas aulas de Educação Física em São Paulo: o inédito viável em contextos de “uberização” da educação. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano IV, v. 3, p. 130-147, 2019.

MARINHO, I. C.; OLIVEIRA, O. Diversidade encontrada nas turmas da EJA – influência no desenvolvimento das aulas. In: CARVALHO, R. M. **Educação Física Escolar na Educação de Jovens e Adultos**. Curitiba: CRV, 2011. p. 137-147.

MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós críticas ou sobre como fazemos as nossas investigações. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 17-24.

MORAES E SILVA, M.; MEDEIROS, D. C. C.; QUITZAU, E. A. Educação Física Escolar: espaço de questionamento das masculinidades hegemônicas? **Cadernos de Formação RBCE**. v. 11, n. 2, p. 25-36, 2020. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/view/2408>. Acesso em: 11/01/2021.

MOURA, I. L. O futebol como ferramenta na coeducação. **Temas em Educação Física Escolar**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 94-105, 2017. Disponível em: <https://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfisicaescolar/article/view/767>. Acesso em: 11/01/2021.

NAGHETTI, F. C. Lutar é coisa de menina? In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Praticando estudos culturais na Educação Física**. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2009. p. 133-141.

NASCIMENTO, A. S. Tematizando a queimada nas aulas de Educação Física: o currículo cultural em ação. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano 3, v. 1, p. 11-27, 2017.

NEVES, M. R. Todos podem fazer ginástica? In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Praticando estudos culturais na Educação Física**. São Caetano do Sul, SP: Yendis, 2009. p. 142-151.

NICOLINO, A. S.; PARAÍSO, M. A. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. **Movimento**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 93-



106, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/72058>. Acesso em: 11/01/2021.

NUNES, H. C. B. **O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da Educação Física**. (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, D. M. Trilhando o ritmo Sertanejo. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 42-52.

OLIVEIRA, L. P.; QUEDAS, C. A. A. As lutas no Ensino Fundamental II: uma experiência a partir dos princípios condicionantes. In: FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças**. Curitiba: CRV, 2017. p. 183-194.

OLIVEIRA JÚNIOR, J. L. Quando a mulher continua sendo a “outra” na ginástica rítmica. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 115-127.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 25-47.

PORTAPLIA, D. M. O.; ESCUDERO, N. T. G. Quando o familiar se mostra estranho: um olhar diferente para o futebol. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. LIMA, M. E. **Educação Física e culturas: ensaios sobre a prática – volume 2**. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 183-202.

PRADO, V. M.; RIBEIRO, A. I. M. Escola, homossexualidades e homofobia, rememorando experiências na Educação Física Escolar. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 97-114, 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7049>. Acesso em: 11/01/2021.

PRADO, V. M.; ALTMANN, H.; RIBEIRO, A. I. M. Condutas naturalizadas na Educação Física: uma questão de gênero? **Currículo sem Fronteiras**. v. 16, n. 1, p. 59-77, 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/prado-altmann-ribeiro.pdf>. Acesso em: 11/01/2021.

QUARESMA, F. N. Sofrência: entre xs muitxs elxs. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 73-84.

QUINALHA, R. Desafios para a comunidade e o movimento LGBT no governo Bolsonaro. In: **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 256-273.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v.6, n.1, jan./jun. 2021, p. 15 - 38.

Recebido em: 23/02/2021

Publicado em: 26/06/2021

RAMOS, M. R. F.; DEVIDE, F. P. O discurso docente sobre a relação entre conteúdos de ensino e identidades de gênero. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCWENGBER, M. S. V. **Educação Física e gênero**: desafios educacionais. Ijuí: Unijuí, 2013. p. 169-192.

SALOMÃO, A. F.; NEVES, M. R.; ALVIANO JUNIOR, W. Outros vãos: uma experiência didática com a brincadeira de pipa. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural**: escritos sobre a prática. Curitiba: CRV, 2016. p. 214-223.

SANCHES NETO, L. A intencionalidade pedagógica de um professor-pesquisador: “verdades inconvenientes” em uma aula temática sobre capoeira e sexualidade. In: VENÂNCIO, L. et al. **Educação Física no Ensino Fundamental II**: saberes e experiências educativas de professores(as) pesquisadores(as). Curitiba: CRV, 2017. p. 169-190.

SANTOS, L. A. Currículo cultural da Educação Física e esportes radicais: diálogos possíveis. In: SILVA, B. A. T.; MALDONADO, D. T.; OLIVEIRA, L. P. **Manifestações culturais radicais nas aulas de Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2016. p. 149-170.

_____. “Queremos aula livre e futebol, professor”: o caratê na rede estadual de ensino. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 143-151.

_____. “A Pablo Vitar não é Deus”: desconstruindo questões de identidade de gênero na dança pop. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**: relatos de experiência. Jundiaí (SP): Paco, 2018. p. 133-139.

SANTOS, L. A.; NUNES, H. C. B. “Riscando a faca” no Raimundo Correia. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. LIMA, M. E. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática – volume 2. São Paulo: FEUSP, 2014. p. 203-220.

SANTOS JÚNIOR, F. N. Brinquedo nada inocente: as práticas de meninos e meninas – relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**. Ano 2, v. 1, p. 130-139, 2016.

_____. Navegando sobre as práticas com brinquedos. In: NEIRA, M. G. **Educação Física cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017. p. 85-99.

SILVEIRA, A. A. T.; DIAS, M. A. Repensando as relações de gênero nas vivências do ultimate frisbee na escola. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 31, n. 58, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2019e55894>. Acesso em: 11/01/2021.

SOUSA, C. A.; MALDONADO, D. T.; NEIRA; M. G. Círculo de cultura e Educação Física: a tematização do funk na escola. **Kinesis**. Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 116-129, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/27299>. Acesso em: 11/01/2021.



SOUSA, M. P.; MALDONADO, D. T. Gênero e Educação Física Escolar: análise das ações didáticas das professoras e dos professores da Educação Básica. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**. Itapetininga, v. 7, n. 5, p. 80-100, 2020. Disponível em: <https://periodicos.itp.ifsp.edu.br/index.php/IC/article/view/1683>. Acesso em 11/01/2021.

SOUZA, M. M. N.; LIPPI, B. G. Futebol e voleibol: que “jogos” são esses? In: NEIRA, M. G.; LIMA, M. E.; NUNES, M. L. F. **Educação Física e culturas**: ensaios sobre a prática. São Paulo: FEUSP, 2012. p. 97-126.

TAVARES, M. L. Se ela dança, eu... e quem mais dança? – a dança como conteúdo da Educação Física e o convite à discussão de gênero. In: MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. **Educação Física Escolar no Ensino Médio**: a prática pedagógica em evidência. Curitiba: CRV, 2018. p. 213-230.

TAVARES, M. L.; TAVARES, A. C. Educação para a diversidade: (Des)construindo as relações de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Médio. In: NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. **Práticas pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças 2. Curitiba: CRV, 2017. p. 191-204.

WORTMANN, M. L. C. Análises culturais – um modo de lidar com histórias que interessa à educação. In: COSTA, M. V. **Caminhos Investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 71-90.